UMA NOVA UTOPIA NA ERA DA INFORMAÇÃO[1]

A NEW UTOPIA IN THE INFORMATION AGE

Rogério Bianchi de Araújo[*]

Manuel Castells, sociólogo espanhol, é um grande pesquisador e estudioso contemporâneo na área de comunicação social. Em 2013 foi publicado no Brasil seu livro "Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet".

Não demorou muito para Castells publicar sua reflexão sobre vários movimentos sociais que espantaram o mundo. Em tempos de tanta circulação de informação virtual Castells se preocupou sobretudo com o impacto desse ambiente na sociedade, no comportamento humano e nas relações sociais. Na história recente, em muitos lugares do mundo, vários movimentos sociais que tiveram sua gênese na internet se espalharam por todos os cantos. Esses movimentos são o objeto de análise e reflexão de Castells.

Estamos habituados a pensar sobre a quantidade de textos, imagens e vídeos que circulam e são disponibilizados e compartilhados nas redes sociais. No entanto, há um fenômeno novo no qual abala as convicções políticas e impacta diretamente nas relações tradicionais de poder, e é sobre essa nova configuração que Castells vai se debruçar.

Movimentos sociais, de protesto e reivindicatórios aos poucos se organizam nas redes sociais e promovem avançadas práticas mobilizadoras. Os gritos de indignação são compartilhados e se alastram com uma velocidade impressionante. O que mais chama a atenção nesses movimentos é a ausência de líderes e a forma como

[*] Doutor em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de Antropologia no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

[1] Esta resenha refere-se ao livro: CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

eles se organizam, de uma maneira multifacetada e multidimensional. Aos poucos tomam forma e, quanto menos se espera, canalizam suas energias para a ação e estreitam cada vez mais as distâncias entre o real e o virtual.

O autor faz uma análise sociológica desses movimentos já que uma análise histórica ainda demorará algum tempo para ser realizada de uma maneira mais criteriosa. Afinal, ainda é impossível explicitar o legado desses movimentos de indignação. Qualquer reflexão nesse sentido seria uma mero exercício de futurologia. Castells evita cair nessa armadilha. Sua análise é centrada estritamente nos fatos conhecidos e disponibilizados nas mídias e nas redes sociais.

Castells investiga como se origina, como se articulam e quais as reais motivações desses movimentos. Além disso, identifica suas características globais e planetárias. O global e o local acabam por se articular. A indignação não tem uma territorialidade específica. Cria uma espécie de contrapoder contemporâneo por meio de uma comunicação socializada e de massa.

Para Castells, na sociedade em rede em que vivemos, o poder é multidimensional. Está diluído em muitos atores e espaços de atuação política. A ação coletiva é fomentada por meio dos indivíduos que constituem uma rede e que se conectam mentalmente a outros numa simbiose que tem como resultado uma ação coletiva em que todos acabam por se identificar com objetivos comuns, mesmo que tenham diversidade de valores e interesses. Como diz Castells, "para que se forme um movimento social, a ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se a outros indivíduos" (pág. 19). Daí a exigência de se estabelecer as empatias no processo de comunicação.

Para caracterizar esses novos movimentos sociais como movimentos locais e globais e de longo alcance, Castells começa a traçar a genealogia desse processo e perpassa os principais acontecimentos de contestação histórica na contemporaneidade. Segundo Castells tudo começa na Tunísia e na Islândia entre 2009 e 2011. O fato gerador dos movimentos de indignação na Tunísia se deu numa cidade de 40 mil habitantes em que um vendedor ambulante se autoimulou diante de um prédio do governo como forma de protesto devido à humilhação que sofrera constantemente ao ver sua banca de frutas e verduras ser confiscada pela polícia local, depois de ele recusar-se a pagar propina. Seu primo registrou o protesto e distribuiu o

vídeo pela internet. Esse foi o estopim para que vários outros protestos viessem à reboque contra a política tunisiana.

Na Islândia, um cantor sentou-se com sua guitarra em frente ao parlamento islandês e expressou em canto sua fúria contra o poder dos bancos e banqueiros e dos políticos que lhes eram subservientes. Com o acúmulo de pessoas acompanhando o protesto, alguém registrou a cena e divulgou pela internet. A partir de então formou-se uma grande mobilização social contra a administração do governo e sua política econômica ineficiente. De fato, essa mobilização que se instaura nas redes sociais e se espalha pelo país, exerce uma forte pressão e obtém êxito inusitado ao derrubar um governo que já não representava os anseios da população.

A revolução egípcia teve início com um *vlog* postado numa página do Facebook. A formação de uma densa rede multimodal de comunicação possibilitou que o mundo acompanhasse em tempo real as manifestações egípcias e a queda do regime de Mubarack. Na esteira da revolução egípcia, Castells aponta para as insurreições árabes que vieram na sequência: Argélia, Líbano, Jordânia, Mauritânia, Sudão, Omã, Iêmen, Bahrein, Líbia, Kuwait, Marrocos, Saara Ocidental, Arábia Saudita e Síria tiveram seus levantes via redes sociais, alguns com mais êxito do que outros, mas independente disso a centelha da indignação e da esperança estava lançada.

Castells ainda atenta para dois movimentos mais próximos de nós: Os Indignados na Espanha e o Occuppy Wall Street nos EUA. Os Indignados agiam sob o slogan "Unidos pela Mudança Global", enquanto o Ocuppy popularizou o tema "Nós somos os 99%" em alusão à crescente desigualdade na distribuição de renda nos EUA entre o 1% mais rico e o resto da população.

Na edição brasileira, ainda houve tempo para Castells escrever um posfácio referindo-se às recentes manifestações de junho de 2013 que tiveram sua origem a partir da reivindicação do movimento Passe Livre, cuja defesa era pela mobilidade como direito universal e contra o modelo caótico de crescimento urbano.

Por fim, Castells procura caracterizar os movimentos sociais em rede tentando estabelecer uma tipologia comum a todos eles, no esforço de comprovar sua tese de que os movimentos sociais não nascem

apenas da pobreza ou do desespero político, mas que caso haja uma mobilização emocional instigada pela indignação que a injustiça provoca, o elo entre os indivíduos se fortalece e pode se legitimar num movimento a partir de então. Portanto, a internet e suas redes sociais alimenta essa rede de emoções dispersas e canaliza suas energias para a conquista de objetivos comuns e inter-relacionados.

A partir do livro de Castells podemos tirar algumas conclusões fundamentais para pensar as relações políticas e de poder que se estabelecerão daqui em diante. A internet tem um potencial revolucionário que estende o caráter territorial das revoluções ao longo da história, do espaço dos lugares para o espaço dos fluxos. Jamais o ativismo on-line poderá ser desprezado e a defesa pela liberdade nas redes sociais será imprescindível para o fortalecimento dessa nova forma de militância política.

De fato, podemos concordar com Castells quando aponta que esses movimentos sociais "projetam a nova utopia de democracia em rede baseada em comunidades locais e virtuais em interação" (pág. 165). Quando muitos conservadores apregoam a morte das utopias, eis que emerge "uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade" (pág. 166).